



**A poética do amor em *O Romance da Rosa*  
La poética del amor en el *Roman de la Rose*  
The poetics of love in *The Romance of the Rose***

Ruy de Oliveira ANDRADE FILHO<sup>1</sup>

Luiz Fernando ALVES<sup>2</sup>

**Resumo:** Objetivamos neste artigo analisar a poética do amor em *O Romance da Rosa*. Pensamos que a concepção de amor de Guillaume de Lorris está associada ao florescimento da sociedade cortesã francesa do século XIII, e que a de Jean de Meun é fruto do declínio desta mesma sociedade. Por trás das virtudes que Guillaume propõe ao amante medieval estão a noção de cortesia, da arte de viver em sociedade, o entendimento da poesia como uma forma de ética, e a poética medieval do desejo – intimamente associada à mística religiosa que surgira a partir do século XI, e à poesia trovadoresca. Jean sofre uma influência maior da tradição ovidiana de se pensar as causas e os efeitos do amor. Na primeira parte do poema, há a idealização da conquista da Rosa por Guillaume; na segunda, a *cueillette* da Rosa descrita por Jean em forma alegórica e que pode ser lida como um estupro. Essa tensão entre diferentes concepções de amor num mesmo poema possibilita uma compreensão mais ampla sobre as formas de sentir e pensar do período estudado.

**Abstract:** We aim with this article to analyze the poetics of love in *The Romance of the Rose*. We think that Guillaume de Lorris's conception of love is associated with the flourishing of the French courtly society of the XIII Century, and that Jean de Meun's conception of love is a result of the decline of this same society. Behind the virtues offered by Guillaume to the medieval lover we find the notion of courtesy, of the art of living in society, the understanding of the poetry as a form of ethics, and the medieval poetic of desire – intimately associated with the religious mysticism appeared from the

---

<sup>1</sup> Professor de *História Medieval* da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP/Assis). Departamento de História. E-mail: [ruy.andrade@uol.com.br](mailto:ruy.andrade@uol.com.br)

<sup>2</sup> Bolsista FAPESP. Discente do Programa de Mestrado em História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP/Assis). E-mail: [alves.luizfernando@yahoo.com.br](mailto:alves.luizfernando@yahoo.com.br)



COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

XI Century and with the troubadours' poetry. Jean is more influenced by the Ovidian tradition of thinking about the causes and effects of love. In the first part of the poem, Guillaume idealizes the conquest of the Rose; in the second, Jean describes the cueillette of the Rose, which could be read as a rape, in an allegorical way. It is this tension between different conceptions of love in a same poem that makes possible a better comprehension of the ways people used to think and feel in the Middle Ages.

**Palavras-chave:** Amor cortês – Le Roman de la Rose – Guillaume de Lorris – Jean de Meun – Século XIII.

**Keywords:** Courtly Love – The *Romance the la Rose* – Guillaume of Lorris – Jean of Meun – XIII Century.

ENVIADO: 13.10.2014

ACEITO: 12.11.2014

\*\*\*

## I. Sobre a pertinência do conceito de *Amor Cortês*<sup>3</sup>

Uma das poucas certezas que um medievalista pode ter, especialmente quando estuda literatura, é a de que deverá, eventualmente, entender-se com o conceito de “amor cortês” (ou “cortesão”). Não há para a literatura antiga um conceito equivalente. A história daquele compreende desde a publicação, em 1883, da análise de Gaston Paris<sup>4</sup> da história de amor de Lancelote e Guinevère, narrada por Chrétien de Troyes na fábula *Le Chevalier de la Charrette*, quando se tornou comum para explicar o florescer de uma nova forma de sensibilidade na sociedade cortesã medieval. Se C. S. Lewis afirmava, em 1936, que “todo mundo já ouviu falar em amor cortês”<sup>5</sup>, não seria demais

<sup>3</sup> As citações do poema seguem o texto estabelecido na edição bilíngue de Pierre Marteau (francês antigo – moderno). As traduções são nossas, cotejadas com a edição em prosa da primeira parte do poema editada em português por Sonia Regina Peixoto, Eliane Venturim e Ricardo da Costa (disponível em [http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/nonada\\_n\\_25.pdf](http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/nonada_n_25.pdf)), e a edição completa em espanhol de Carlos Alvar e Julián Muela – todas elas referenciadas ao fim do artigo. Agradecemos à Lucie Pereira da Costa pelas revisões das nossas traduções.

<sup>4</sup> PARIS, Gaston. “Études sur les romans de la table ronde: Lancelot du Lac”, *Romania*, 12 (1883), pp. 459-534. Paris já escrevera sobre o tema em: “Études sur les romans de la table ronde”, *Romania*, 10 (1881), pp. 465-96.

<sup>5</sup> LEWIS, C. S. *Alegoria do Amor: um estudo da tradição medieval*. São Paulo: É Realizações, 2012, p. 14.



COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

dizer, agora que se passaram quase 80 anos, que ele está definitivamente assimilado ao nosso imaginário do período. Contudo, qual é o significado do amor cortês? Sente-se, às vezes, que se trata de um conceito utilizado de uma forma indeterminada, de conteúdo oscilante – curiosamente, a obra de um poeta tão distante dos medievais quanto o é W. B. Yeats já foi interpretada segundo o amor cortês<sup>6</sup>, e já se disse mesmo que o conceito é um “impedimento para a compreensão dos textos medievais”<sup>7</sup>.

Assim, ele se tornou um daqueles muitos conceitos associados à história da Europa medieval que asseguram o que John C. Moore chamou de uma “ilusão de entendimento compartilhado”, brincando que ele “cai muito bem no esquema geral das coisas, posto que é uma expressão literária e cultural do feudalismo, foi contrariado pela Igreja, e foi um dos primeiros sinais do Renascimento”<sup>8</sup>. Como ele demonstra em seu artigo através de uma ampla revisão historiográfica, os historiadores que tentam se entender com o conceito entendem-no de formas diversas, deixando a sensação de que quando dois medievalistas estão tratando do mesmo tema vale o adágio latino: se dois falam de uma mesma coisa, não é a mesma coisa (*duo si idem dicunt non est idem*). Por isso, consideramos oportuno explicar nosso uso do conceito neste artigo.

Consideremos, por exemplo, os dois autores citados acima. Para C. S. Lewis, “Humildade, Adultério, Cortesia e Religião do Amor” seriam as principais características do amor cortês, e elas teriam coerência sistemática na poesia dos troubadours como um todo. A paixão romântica sobre a qual os poetas novecentistas ingleses cantavam teria sido inventada, descoberta ou pela primeira vez expressada por poetas franceses do século XI, pois “a humanidade não passa por fases como um trem passa por estações; estando viva, ela tem o privilégio de avançar sempre, sem deixar nada para trás”, e “o que quer que tenhamos sido, de certa forma, ainda o somos”<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> O'DONOGHUE, Bernard. “The Reality of Courtly Love”. In: COONEY, Helen (org.). *Writings on Love in the English Middle Ages*. New York: Palgrave Macmillan, 2006, p. 19.

<sup>7</sup> ROBERTSON, D. W. “The concept of courtly love as an impediment to the understanding of medieval texts”. In: F. X. Newman. *The Meaning of Courtly Love*. Albany: State University of New York Press, 1968, pp. 1-18.

<sup>8</sup> MOORE, John C. “Courtly Love: a problem of terminology”. In: *Journal of the History of Ideas*, vol. 40, n. 4, (Oct. -Dec., 1979), p. 621.

<sup>9</sup> LEWIS, C. S., *op. cit.*, p. 13.

Esta nova sensibilidade teria tocado toda a nossa ética, imaginação e vida de tal forma que erigiu barreiras impassíveis entre nós e a antiguidade clássica ou o Oriente, e “comparada a essa revolução, a Renascença é mera reverberação na superfície do oceano da literatura”<sup>10</sup>. Lewis parece ter sido o primeiro a dar essa sistematização ao estudo do tema. Paris usa o conceito no contexto de análise de um texto bem específico, e Jeanroy o usa para analisar poemas selecionados apenas. O problema da abordagem de Lewis é que ela se torna inconsistente. Os próprios exemplos que ele usa acabam contradizendo-o.

Sobre o casal *Aucassin et Nicolette*, por exemplo, que para ele exemplifica a “Religião do Amor” (como oposta à Religião Oficial), pode-se dizer que trata-se mais de dois jovens que só querem casar e nada tem com o adultério. Há poemas medievais em que a cortesia ou não aparece, ou é ironizada, ou não é essencial. O exemplo mais contundente é a parte de *O Romance da Rosa* escrita por Jean de Meun, sobre a qual se discutirá adiante.

Quanto ao *amor cortês* nas análises de Gaston Paris, estas seriam suas características essenciais:

- 1) Ele é ilegítimo e furtivo; 2) O amante é inferior e inseguro; a amada é elevada, arrogante, até desdenhosa; 3) O amante deve ganhar a afeição da dama passando por muitos testes de sua probidade, valor e devoção; 4) O amor é uma arte e uma ciência, sujeito a várias regras e regulações – como a cortesia em geral<sup>11</sup>.

Joan M. Ferrante analisou o sentido deste *fin’amour* em diferentes poetas medievais – mesmo entre os poetas italianos para os quais a Corte era um ideal e não uma realidade – que escreveram em diferentes contextos para concluir que “a conexão entre amor e cortesia é essencial, não acidental”, e que “Gaston Paris parece ter feito uma escolha inteligente, afinal de contas. ‘Amor cortês’ não é uma ficção da imaginação oitocentista, nem apenas um termo útil que escolhemos preservar, mas um conceito medieval perfeitamente válido”<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 16.

<sup>11</sup> MOORE, John C., *op. cit.*, p. 622.

<sup>12</sup> FERRANTE, Joan M. “Cortes’Amor in Medieval Texts”. In: *Speculum*. Vol. 55, No. 4 (Oct. 1980), p. 695.



COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

Howard Bloch, em 1991, ainda ecoa a ideia de Lewis de que o amor, tal como o conhecemos, foi inventado “em algum momento entre o início e meados do século XII, inicialmente ao Sul, depois ao Norte da França”<sup>13</sup>.

Parece-nos que sistematizar a poesia medieval num conceito é algo que leva a aporias e complicações desnecessárias, típicas dos abstratismos. E será real que a nossa experiência seja assim tão próxima àquela de poetas que escreveram há quase mil anos? Lembremos, por exemplo, que C. Stephen Jaeger diz que, ao estudar o amor em textos clericais e aristocráticos medievais, percebeu “um modo de amar que me pareceu tão estranho quanto unicórnios e estigmas, e da mesma forma estranho à minha experiência e àquela do meu mundo”<sup>14</sup>.

O amor enobrecedor (*ennobling love*) de que fala Jaeger é “primariamente uma experiência pública, só secundariamente privada” e “primariamente um modo de agir, só secundariamente um modo de sentir”<sup>15</sup>. Note-se que afirmar o aspecto social ou individual de uma forma de sensibilidade também influi nos usos que se fazem do conceito de amor cortês. A *corteisie* francesa, para Paul Zumthor, teria tanto um sentido individual de qualidade moral, quanto de sociabilidade cortês e cavaleiresca<sup>16</sup>.

Em meio a todas estas teorias, é preciso voltar aos textos mesmos, para perceber em que medida elas podem ser iluminadoras destes. É por isso que escolhemos a poética do amor no *Roman de la Rose*, de Guillaume de Lorris & Jean de Meun, como tema deste estudo.

É de se admirar que em português pouco tenha sido escrito sobre “a mais admirada, influente e controversa obra literária da Idade Média francesa”<sup>17</sup>, traduzida por Chaucer, lida por Dante e Deschamps, que suscitou debates sobre seu valor estético e moral na famosa *Querelle* entre humanistas franceses

---

<sup>13</sup> BLOCH, R. Howard. *Medieval misogyny and the invention of Western romantic love*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991, p. 8.

<sup>14</sup> JAEGER, C. Stephen. *Ennobling Love: in search of a lost sensibility*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999, p. IX.

<sup>15</sup> JAEGER, C. Stephen, *op. cit.*, p. 6.

<sup>16</sup> ZUMTHOR, Paul. *Essai de poétique médiévale*. Paris: Éditions du Seuil, 1972, p. 466.

<sup>17</sup> GUYNN, Noah D. “Le Roman de la rose”. In: GAUNT, Simon; KAY, Sarah (orgs.). *The Cambridge Companion to Medieval French Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 48.



COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

como Christine de Pizan e Jean Gerson, e que, relativamente à literatura francófona, foi o livro mais frequentemente “copiado, lido e debatido na Idade Média e (...) logo após ter sido completado, entrou na história literária europeia como um todo através de suas traduções para italiano, inglês, e holandês”<sup>18</sup>, tendo dele restado cerca de 300 manuscritos.

Até onde sabemos, apenas Ricardo da Costa deu atenção ao poema ao traduzir – com Sonia Regina Peixoto & Eliane Venturim – a primeira parte dele e escrever comentários sobre seu simbolismo<sup>19</sup>. Considerando isso, façamos uma breve introdução ao poema.

## II. A propósito de *O Romance da Rosa*

Quanto à autoria, *O Romance da Rosa* começou a ser escrito entre 1225-1245<sup>20</sup> por Guillaume de Lorris, e recebeu algumas continuções anônimas, e outras de autores conhecidos<sup>21</sup>, até que Jean de Meun tomou para si a tarefa de completá-lo, em cerca de 1268-1285. Quanto à forma, o romance medieval era construído com a ligação de estruturas breves – analogamente ao que é a suíte em forma musical –, que quando combinadas formam um enredo<sup>22</sup>.

Na primeira parte do poema, lê-se o relato, em primeira pessoa, de um sonho que o Amante (*L'Amant*), então com 25 anos, tivera cinco anos antes. Numa

---

<sup>18</sup> HELLER-ROAZEN, Daniel. *Fortune's faces: the Roman de la Rose and the poetics of contingency*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 2003, p. 1.

<sup>19</sup> LORRIS, Guilherme de. *A Primeira parte de O Romance da Rosa* (c. 1225). Trad.: Sonia Regina Peixoto, Eliane Venturim e Ricardo da Costa. Disponível em: [http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/nonada\\_n\\_25.pdf](http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/nonada_n_25.pdf) (acesso em: 8 de fevereiro de 2014).

<sup>20</sup> Utilizamos as datas de composição indicadas em: GUYNN, Noah D., *op. cit.*, p. 48.

<sup>21</sup> Gui de Mori, Girard Acarce e Clément Marot são alguns destes autores indicados em: NICHOLS, Stephen G. “The medieval ‘author’: an idea whose time hadn’t come?”. In: GREENE, Virginie (org.). *The medieval author in medieval French literature*. New York: Palgrave Macmillan, 2006, p. 84.

<sup>22</sup> “Quanto ao gênero longo, o romance, ele é sempre, à imagem da canção de gesta, um conjunto formado de sequências que devem ter sua própria autonomia, temática e técnica. É a sua combinação – que Chrétien [de Troyes] chama de ‘conjuntura’ – que dá unidade à extensão da obra.” DUBUIS, Robert APUD FRADE, José Manuel Oliver; DORESTE, Dulce María González. “La mise en page de la fiesta en dos manuscritos del ‘Roman de la Rose’”. In: REAL, E.; JIMÉNEZ, D.; PUJANTE, D. y CORTIJO, A. (eds.), *Écrire, traduire et représenter la fête*. Valência: Universitat de València, 2001, p. 61.

bela manhã de maio, época do florescer da primavera em França, o Amante erra por uma planície cortada por um rio, do qual ele segue o curso, até deparar com os muros de um formoso jardim. *Fuori le mura* se lhe afiguram pinturas que representam, em ordem em que aparecem: Ódio (*Haine*), Felonia (*Félonie*), Vilania (*Vilenie*), Cobiça (*Convoitise*), Avareza (*Avarice*), Inveja (*Envie*), Tristeza (*Tristesse*), Velhice (*Vieillesse*), Hipocrisia (*Papelardie*) e Pobreza (*Pauvreté*); todas qualidades opostas às virtudes cortesãs, que estão personificadas no interior do jardim. Dama Ociosa (*Oyseuse*) vem ao seu encontro para guiá-lo ao Jardim dos Prazeres (Imagem 1).

Lá, Lazer (*Déduit*) o convida a participar da festa (*karole*) que tem lugar entre Alegria (*Liesse*), Deus do Amor (*Dieu d'Amours*), Beleza (*Beauté*), Riqueza (*Richesse*), Generosidade (*Largesse*), Liberdade (*Franchise*), Cortesia (*Courtoisie*), Ociosa e Juventude (*Jeunesse*), sequência narrativa na qual “Guillaume de Lorris desenvolve toda a sua arte para descrever com brilho e maestria o ideal ético e estético que rege o universo festivo da cortesia”<sup>23</sup>.

Ali, pelos desígnios de Deus do Amor, que lhe lança cinco flechas, o poeta se enamora pela *Rose* – que pode ser entendida como a alegoria do amor, da dama ou ter ainda outros sentidos<sup>24</sup>, pois o simbolismo medieval da Rosa era riquíssimo em polissemia – ao vê-la, em meio a outras flores, na Fonte de Narciso; para alcançá-la, com o auxílio de Esperança, Doce-Pensar (*Doux-Penser*), Doce-Olhar (*Doux-Regard*) e Doce-Falar (*Doux-Parler*), o jovem passará pelo aprendizado das virtudes cortesãs, lhe ditadas por Deus do Amor. Amável-Abrigo (*Bel-Accueil*) o leva ao bosque onde reside a Rosa, do qual é expulso por Perigo (*Danger*).

Razão (*Raison*) se aproxima do poeta para lhe dissuadir de seus desejos, mas ele a ignora e avança sobre Perigo, até roubar da Rosa um beijo. Má-Língua (*Malebouche*) o vê, e pede a Perigo, Vergonha (*Honte*) e Medo (*Peur*), que cerrem o bosque, enquanto Ciúme (*Jalousie*) encarcera Amável-Abrigo em uma torre. A história contada por Guillaume em pouco mais de 4 mil versos para por aqui.

<sup>23</sup> FRADE, José Manuel Oliver; DORESTE, Dulce María González, *op. cit.*, p. 59

<sup>24</sup> HELLER-ROAZEN, Daniel, *op. cit.*, p. 66.

Imagem 1



Detalhe de uma miniatura do *Roman de la Rose*, Holanda (Bruges), c.1490-1500, Harley MS 4425, f. 12v –, London, British Library. Este é um detalhe de um manuscrito feito para o Conde Engelbert de Nassau (1451-1504) por um pintor conhecido como Mestre do Livro de Orações, que ilustra o Jardim dos Prazeres. Dama Ociosa conduz Amante à festa que tem lugar dentro do Castelo. Este manuscrito está digitalizado e disponível em domínio público:<http://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/record.asp?MSID=7465>.





COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

A seguir, Jean de Meun continua o poema em um espírito diverso da concepção idealizada de seu antecessor sobre a busca do amor, acrescentando-lhe mais de 18 mil versos. Não é só o fim do poema que muda; sua própria estrutura e linguagem mudam consideravelmente. O lirismo idílico de Guillaume dá lugar ao caráter mais satírico da poesia de Jean. As digressões passam a ser mais importantes do que as imagens poéticas, e por isso o enredo é consideravelmente resumido. Jean começa sua parte do poema explicando que continuará o poema inacabado de Guillaume e faz um breve resumo do estado em que se encontra Amante.

A seguir, Razão se aproxima de Amante a fim de lhe confortar dos tormentos do amor. Amigo, a próxima personagem a entrar em cena, fará o mesmo. Após estes dois diálogos, Amante ajudado por Deus do Amor tomará de assalto o castelo no qual está encerrada a Rosa (que no poema de Jean claramente passa a significar o órgão sexual feminino), a fim de colhê-la (a *cueillette* da Rosa pode ser lida como a descrição alegórica de um estupro, afinal fala-se em colhê-la “tout à force” v. 7992).

Jean faz abissais releituras da primeira parte do poema. Falso-Semblante (*Faux-Semblant*), por exemplo, que é uma personificação de anti-virtude, acaba por ser nomeado chefe em armas por Deus do Amor para atuar na Conquista da Rosa, evento que terá alguns requintes de crueldade contra as personagens anti-cortesãs.

O ataque começa com Falso-Semblante, e a nova personagem Abstinência-Contida (*Contrainte-Astenance*), fingindo-se de monges mendicantes para se aproximarem de Má-Língua, que guarda o castelo, e cortar-lhe a língua (Imagem 2). Velhice também muda de lado no jogo e passa a ajudar Amante em sua conquista. Enquanto Medo, Perigo, e Vergonha, impedem Amante de se aproximar da Rosa, Jean de Meun faz digressões para se defender de possíveis acusações de linguagem indecorosa. A armada de Deus do Amor é derrotada, e este clama pelo socorro de Vênus (*Venus*).

Natureza (*Nature*) entra no conflito, e começa um longo diálogo com outro personagem que Jean de Meun acrescenta ao poema: Gênio (*Génius*). A discussão se estende e passa por diversos temas que incluem questões como: “por que cometas não anunciam a morte de reis?”

**Imagem 2**



**Detalhe de uma miniatura do *Roman de la Rose*, Holanda (Bruges), c. 1490 – c. 1500, Harley MS 4425, f. 12v –, London, British Library. Detalhe do mesmo manuscrito da Imagem 1. Aqui, vemos Abstinência-Contida (*Abstinence Contrainte*), e Falso-Semblante (*Faux-Semblant*) cortando a língua de Má-Língua (*Malebouche*). Este manuscrito está digitalizado e disponível em domínio público: <http://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/record.asp?MSID=7465>.**



COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

Compreende-se por que C. S. Lewis disse do poema de Jean: “ao ler uma página, nunca se sabe o que esperar da seguinte sobre o assunto”<sup>25</sup>; e por que Johan Huizinga afirmou que o poema “dada a riqueza de suas digressões enciclopédicas em todas as áreas possíveis, foi o tesouro de onde as pessoas cultas extraíam os elementos mais vivos para a sua erudição”<sup>26</sup>. Vênus enfim ajuda Deus do Amor a levar Amante a alcançar o que desejava. Por fim, Amante acorda do sonho.

### III. Amor & desejo no poema de Guillaume de Lorris

Pensamos que o autor da primeira parte do *Roman de la Rose*, Guillaume de Lorris, parece ser herdeiro da tradição mística por um lado, e trovadoresca por outro, de se pensar o amor – o que chamamos aqui de *poética do desejo* –, e escreve em um momento em que a concepção de vida na corte ganhava um novo significado que vinha se impondo desde o fim das cortes carolíngias, e que era associado ao “respeito do cortesão por um gênero de vida ideal, aliás complexo e difícil de definir”<sup>27</sup>, que se traduzia em especial no termo *curialis*. Por isso esta forma de amar, que é associada à determinadas condutas, é também entendida como uma forma de *ética*.

O *pathos* do poema de Guillaume pode ser buscado em algo como uma poética do desejo. Para Johan Huizinga, teria sido o espírito medieval a “desenvolver pela primeira vez um ideal amoroso com uma tônica negativa”<sup>28</sup>; assim, ainda que o anseio e o sofrimento por amor inspirassem muitos mitos e poemas desde a antiguidade clássica – e a história da poesia se enleia com a da lírica amorosa –, “foi só no amor cortês dos trovadores que a insatisfação em si tornou-se o motivo principal”.<sup>29</sup> Seria a lírica trovadoresca uma forma de amor estilizado, “uma forma de pensamento erótico capaz de abranger uma profusão de aspirações éticas, sem por isso renunciar por completo à sua conexão com o amor natural das mulheres”<sup>30</sup>.

---

<sup>25</sup> LEWIS, C. S. *op. cit.*, p. 146.

<sup>26</sup> HUIZINGA, Johan. *O Outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 188.

<sup>27</sup> GUENÉE, Bernard. “Corte”. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude (org.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 272.

<sup>28</sup> HUIZINGA, Johan, *op. cit.*, p. 177.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p. 177.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 177.



COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

Entre os poetas italianos, a partir do chamado “doce estilo novo” de se fazer poesia, este amor estilizado ganharia contornos que culminariam em sua espiritualização em Dante; Petrarca, por sua vez, hesitava entre o ideal de amor cristão espiritualizado e os ideais renascentistas imbuídos de inspiração clássica sensualista; na França e nos países baixos, contudo, “ainda antes que a Vida Nova encontrasse a harmonia eterna na paixão espiritualizada, o *Roman de la Rose* já vertera novas ideias nas antigas formas do amor cortês”<sup>31</sup>. Estas novas ideias seriam as virtudes aristocráticas (seculares, portanto).

É possível que o romance de Guillaume se encaixe nesta tensão entre o amor sensível – e, pois, amor às mulheres – e o amor ideal das demandas da mística cristã. Ao final do romance de Guillaume, Amante está distante de obter o que busca. Considerando esta poética do desejo, seria por esse motivo que o poema de Guillaume restara inacabado, e, justamente por isso seria um poema completo em si cujo final é precisamente o da inatingibilidade da Rosa:

O conhecimento do simbolismo medieval parece oferecer chaves que permitem adentrar mais profundamente na obra e em seu contexto; uma obra na qual o objetivo definitivo não é a conquista da Rosa, inacessível terrenamente, como o Graal, mas a busca em si mesma, sempre recomeçada<sup>32</sup>.

Denis de Rougemont veria nesta tônica negativa, na busca de um ideal inatingível, um princípio unificador do romance ainda no século XX<sup>33</sup>.

Uma coincidência curiosíssima é que C. S. Lewis, em seu *Alegoria do Amor*, expõe essa mesma ideia de Huizinga, mas sem citá-lo:

Antes do fechamento do século XII, encontramos a convenção provençal estendendo-se, a partir do berço, em duas direções. Uma corrente descendo até a Itália, passando pelos poetas do *Dolce Stil Nuovo*, expande o grande oceano da Divina Comédia; e ali, ao menos, apazigua-se a briga entre o cristianismo e a religião do amor. Outra corrente abriu caminho em direção norte para se fundir com a tradição ovidiana, que já existia ali, produzindo, assim, a poesia francesa do século XII<sup>34</sup>.

---

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 178.

<sup>32</sup> DICAIRE, Francine. *Symbolisme et Seneffance dans le Roman de la Rose de Guillaume de Lorris*. Montréal: Université McGill, 1998, p. 3.

<sup>33</sup> ROUGEMONT, Denis de. *O Amor e o Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

<sup>34</sup> LEWIS, C. S., *op. cit.*, pp. 34-35.



COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

Talvez se tivesse escrito sobre isso antes – não sabemos – e Lewis retirou estas ideias de outra fonte, ou pode ser que Lewis não leu Huizinga e mesmo assim chegou a esta conclusão tão próxima que parece ser quase uma citação literal sem a referência. Em todo caso, parece ser uma distinção que ainda ilumina os estudos de poesia medieval. Note-se que Huizinga escreveu em 1919, mas ainda em 2006 a medievalista Teodolinda Barolini fala sobre o “dilema cortês de um desejo conflituoso”<sup>35</sup> que se divide entre o amor à dama e o amor a Deus.

A poesia vernacular também era um lugar privilegiado para se pensar problemas que a princípio seriam típicos da filosofia moral, pois “os comentadores medievais consideraram a poesia como um gênero da ética, tipicamente referindo-se ao interesse da poesia no comportamento humano e nas escolhas morais para justificar esta classificação”<sup>36</sup> – e o amor era um problema central da ética. A própria forma da poesia medieval era conveniente, “porque para o sujeito medieval pensar eticamente, ele ou ela ‘deveria se comportar como se estivesse em uma história’”<sup>37</sup>.

O poema é escrito em um contexto de autêntico processo de controle das pulsões que permeava a cultura das cortes, a partir das preceptivas da moda, etiqueta e literatura, pois “era o poder da paixão em si que exigia da sociedade do final da Idade Média que transformasse a vida amorosa em um belo jogo com regras nobres”<sup>38</sup>.

Guenée nota que o sentido da corte se reflete na história dos conceitos a ela associados, pois “*curialitas* aparecia ao mesmo tempo que *curia*, por volta de meados do século XI. Depois surgiu *courtois*, em francês, por volta de fins do mesmo século. Em seguida, *höfisch*, em alemão, em meados do século XII”<sup>39</sup>. Sabe-se, assim, que à época de Guillaume, o cortesão buscava distinção a partir de um novo modo de viver em sociedade, e conhecia-se sua polidez

---

<sup>35</sup> BAROLINI, Teodolinda. *Dante and the origins of Italian literary culture*. New York: Fordham University Press, 2006, p. 33.

<sup>36</sup> ROSENFELD, Jessica. *Ethics and Enjoyment in Late Medieval Poetry: Love after Aristotle*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 1.

<sup>37</sup> *Ibid.*, p. 4.

<sup>38</sup> HUIZINGA, Johan, *op. cit.*, p. 178. É tentador imaginar que este insight de Huizinga é como que uma antecipação do conceito de processo civilizador de longa duração, tema das pesquisas de Norbert Elias.

<sup>39</sup> GUENÉE, Bernard, *op. cit.*, p. 272.



COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

“pela elegância de seus modos (*elegantia morum*). Somente ele sabia verdadeiramente comer, beber, falar, jogar xadrez, combater com a lança, enfim, e sobretudo, conduzir-se com as mulheres”<sup>40</sup>. E é interessante notar que no poema de Guillaume há um trecho significativo sobre certa moderação que o Amante deve ter ao seguir essa estética:

*Cous tes manches, tes cheveux pigne,  
Mais ne te farde ne ne guigne :  
Ce n'appartient s'as dames non,  
Ou à ceus de mavès renon,  
Qui amors par mal aventure  
Ont trouvée contre nature.  
(vv. 2255-2260)*

(Costura tuas mangas, penteia teus cabelos /Mas nada de piscadelas ou maquiagem: /Tais coisas são próprias das damas /Ou daqueles outros de má fama, /Que o amor por desventura /Encontraram contra a natureza.)

Ainda segundo Guenée, “o que torna o amor cortesão é a elegância do amante, sua delicadeza – os historiadores diziam com razão, há dois séculos: sua galanteria. O amante cortês respeita as regras de um código amoroso; sua conduta está de acordo com a boa educação”<sup>41</sup>. Daí que tantos historiadores tenham visto neste momento o florescer de uma nova forma de sensibilidade, e até uma nova noção do amor.

Esses códigos amorosos, les règles du jeu, são explicados por Deus do Amor no poema de Guillaume a partir de

*Comment le Dieu d'Amours enseigne  
L'Amant, et dit qu'il face et tiengne  
Les reigles qu'il baille à l'Amant,  
Esriptes en ce bel Rommant.  
(vv. 2159-2162)*

(Como Deus do Amor ensina /O Amante, e diz-lhe que siga /As regras que ele dita ao Amante, /Escritas neste belo Romance.)

No romance de Guillaume, Deus do Amor ordena ao Amante para que abandone “primeiramente a Vilania” (*Vilonnie*), “se não quiser errar comigo”

<sup>40</sup> *Ibid.*, p. 273.

<sup>41</sup> *Ibid.*, p. 274.



COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

(*se tu ne veulz vers moi mesprendre v. 2166*). Nos romances medievais a vilania pode aparecer como característica do camponês (*vilain*), e, portanto, a cortesia ser uma distinção de ordem social, mas no *Roman de la Rose* ela parece ser uma qualidade moral, uma vez que por vilão se entende um ser “cruel e impiedoso, infiel e sem amigo” (*Vilains est fel et sans pitié, / sans servise et sans amitié vv. 1269-1270*).

Parece permanecer aqui a suposição que já aparece em poemas de Guillaume d’Aquitaine (1071-1126), o primeiro trovador conhecido, dos quais se depreende que “o amor cortês, por seu caráter formador e igualmente revelador de potencialidades, pode mudar radicalmente um homem, e fazer de um rústico um homem refinado”<sup>42</sup>.

Joan M. Ferrante nota o importante papel da Cortesia no romance, pois é a personagem Cortesia que convida Amante a juntar-se à festa, e que ensina Amável-Abrigo a ser amistoso com Amante. Além disso, “*Cortoisie* é também a terceira flecha com a qual Deus do Amor fere Amante, a que provoca a ferida mais profunda, mas que também lhe dá a coragem para aproximar-se da Rosa”<sup>43</sup>.

O refinamento ao conduzir-se em sociedade, é sinal de cortesia, e ao Amante do *Roman de la Rose* é exigido que

*Sages soies et acointables,  
De paroles dous et resnables  
Et as grans gens, et as menues,  
Et quant tu iras par les rues,  
Gar que tu soies costumiers  
De saluer les gens premiers.  
(vv. 1185-2190)*

(Sejas sábio e afável, /De palavras doces, e razoável /Tanto à grande como à miuda; /E quando fores pelas ruas, /Bom é que te sejas costumeiro, /Saudar às pessoas primeiro.)

Ao Amante se exige que semelhante comportamento cortês se estenda ao relacionamento com as damas:

<sup>42</sup> MARCHELLO-NIZIA, Christiane. “Cavalaria e Cortesia”. In: *História dos Jovens*. LEVI, G.; SCHIMITT, Jean-Claude. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 167.

<sup>43</sup> FERRANTE, JOAN M., *op. cit.*, p. 693.



COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

*Toutes fames sers et honore,  
D'elles servir poine et labore ;  
Et se tu os nul mesdisant  
Qui aille fames desprisant,  
Blasme-le, et dis qu'il se taise.  
Fai, se tu pués, chose qui plaise  
As dames et as damoiseles,  
Si qu'els oient bonnes noveles  
Dire de toi et raconter ;  
Par ce porras en pris monter  
(vv. 2201-2210)*

(Honra e serve a todas as damas; /Empenha e lavra em servir a elas; /E se ouvires algum maldizer /Que a elas mostra desprezar, /Reprende-o, e diz-lhe para se calar. /Faz, se puderes, coisas para agradar /Às damas e senhoritas, /Pois elas terão assim coisas boas /Para dizer e contar sobre ti; /E assim teu prestígio aumentará.)

Ferrante lembra que mesmo os passarinhos do Jardim cantam “lais de amor e sonetos corteses” (*lais d'amors et sonnés cortois v. 719*). Além disso, Gauvain, o cavaleiro, é indicado como modelo por sua “cortesia” (*par sa cortoisie ot le pris v. 2180*). E estes outros versos confirmam que amor e cortesia são essencialmente conectados:

*Qu'Amors porte le gonfanon,  
De Cortoisie et la baniere,  
Et si est de tele maniere,  
Si dous, si frans et si gentis,  
Que quiconques est ententis  
A li servir et honorer,  
Dedans lui ne puet demorer  
Vilonnie ne mesprison,  
Ne mile mauvese aprison.  
(vv. 2020-2028)*

(Pois Amor porta o estandarte /De Cortesia e sua bandeira, /E assim é de tal maneira, /Tão doce, tão franco e tão gentil, /Que quem quer que consentiu /A lhe honrar e servir, /Não carregará dentro de si /Nem vilania nem condenação /Nem qualquer má educação.)





COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

Para Octavio Paz “é preciso distinguir entre o sentimento amoroso e a ideia do amor adotada por uma sociedade e uma época”<sup>44</sup>. Por sentimento amoroso, Paz entende que “em sua forma mais simples e imediata não é senão a atração passional que sentimos por uma pessoa entre muitas”<sup>45</sup>, o que ele admite ser universal, provado pela profusa literatura que tem o amor como tema. Mas a reflexão sobre o amor pode se converter em “um modo de vida, uma arte de viver e morrer”<sup>46</sup>, e então estamos diante “de uma ética, uma estética e uma etiqueta: uma *cortesía*, para empregar o termo medieval”<sup>47</sup>.

O amor cortês, para Paz, seria, assim, este sentimento passional, amoroso ou sensual, refinado pela cortesía, que não é senão a característica da cultura medieval; e formas análogas a esta teriam florescido em outros lugares onde existira uma cultura do amor, como “as literaturas árabe e persa, ambas estreitamente associadas à vida de corte”<sup>48</sup>. Paz conclui que “onde quer que floresça uma cultura cortesã, brota uma filosofia do amor”<sup>49</sup>.

Paul Zumthor lembra que “na tradição própria do Norte” – e, portanto, aquela em que Guillaume de Lorris estava envolvido –, “a prática cortesã de amar consiste em aplicar às relações entre o homem e a mulher as virtudes de generosidade, de discrição e de fidelidade mútua que doravante exige a vida de corte”<sup>50</sup>.

Enquanto se desenrola a festa, Amante observa que Doce-Olhar guarda para Deus do Amor dois arcos, com cinco flechas cortesãs e cinco flechas “de outro aspecto” (*d'autre guise v. 985*), e a última delas é justamente a da inconstância, da infidelidade: “Novo-Pensamento” (*Novel-Penser*).

#### IV. Amor & desejo no poema de Jean de Meun

D. W. Robertson afirma que o tratado *De Amore*, de André Capelão, e a parte do *Roman de la Rose* escrita por Jean de Meun são obras que satirizam a *paixão*

---

<sup>44</sup> PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1994, p. 35.

<sup>45</sup> *Ibid.*, p. 35.

<sup>46</sup> *Ibid.*, p. 35.

<sup>47</sup> *Ibid.*, p. 35.

<sup>48</sup> *Ibid.*, p. 36.

<sup>49</sup> *Ibid.*, p. 37.

<sup>50</sup> ZUMTHOR, Paul. *op. cit.*, p. 470.



COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

*idolátrica*, que não é “um fenômeno peculiarmente medieval”<sup>51</sup>, uma vez que ela aparece no Antigo Testamento, é condenada por Lucrécio e satirizada por Ovídio: “ela parece ser uma fraqueza humana crônica, conquanto atitudes em relação a ela mudem com mudanças de estilo”<sup>52</sup>.

Robertson considera que os próprios fundamentos do amor cortesão são incompatíveis com a realidade social medieval, pois que seria, por exemplo, incômodo para uma mulher casada ser cortejada por um poeta qualquer sob uma legislação nada condescendente com adúlteras.

Pode-se lembrar ainda a cisão entre ação e discurso. Filipe II Augusto (1180-1223), por exemplo, que era brutal no trato com o sexo feminino, afirmava que um homem cortês era superior aos demais: “hipocrisia – claro –, mas de qualquer modo, um sinal que, no início do século XIII, a força bruta e a coragem já não eram suficientes para caracterizar o perfeito cavaleiro”<sup>53</sup>.

É possível mudar o foco de leitura e considerar parte representativa da literatura trovadoresca como essencialmente irônica, como o fez Simon Gaunt em estudo dedicado a reexaminar a obra de alguns trovadores argumentando que a poesia cortês do Sul da França do século XII era permeada por canções jocosas, repletas de humor sexual, distantes da seriedade amorosa confessional<sup>54</sup>. E é difícil, em todo caso, acreditar na realidade das aventuras de um Guillaume d’Auvergne, para ficar num exemplo razoavelmente inverossímil.

Essas leituras são possíveis por ser a linguagem poética essencialmente contingente. Essa é uma questão de retórica tropológica, por assim dizer. Heller-Roazen afirma que o sentido da linguagem da contingência, tal como

---

<sup>51</sup> ROBERTSON, D. W., *op. cit.*, p. 3.

<sup>52</sup> ROBERTSON, D. W., *op. cit.*, p. 3.

<sup>53</sup> COUTINHO, Priscila Lauret; COSTA, Ricardo da. “Entre a Pintura e a Poesia: o nascimento do Amor e a elevação da Condição Feminina na Idade Média”. In: GUGLIELMI, Nilda (dir.). *Apuntes sobre familia, matrimonio y sexualidad en la Edad Media. Colección Fuentes y Estudios Medievales 12*. Mar del Plata: GIEM (Grupo de Investigaciones y Estudios Medievales), Universidad Nacional de Mar del Plata (UNMDP), diciembre de 2003, p. 4-28. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/artigo/entre-pintura-e-poesia-o-nascimento-do-amor-e-elevacao-da-condicao-feminina-na-idade-media> (acesso em: 9 de fevereiro de 2014).

<sup>54</sup> GAUNT, Simon. *Troubadours and irony*. New York: Cambridge University Press, 2008.



COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

explicada por filósofos medievais, é uma definição precisa da linguagem poética como “aquele discurso que, enquanto formalmente indistinguível do discurso em sua forma canônica, não predica, assera, ou sustenta verdade e falsidade, e, portanto, não é, num sentido estabelecido, discurso”<sup>55</sup>.

É também esta leitura irônica a mais razoável de se fazer do poema de Jean de Meun. Como no poema desfilam digressões de vários personagens alegóricos, eles falam de acordo com sua natureza (*decorum*), e por isso alguns, por exemplo, atacam as mulheres e o casamento, enquanto outros defendem sua liberdade contra a submissão aos homens. John Fyler diz que assim como os *Contos da Cantuária*, de Chaucer, “o *Roman* é uma obra com muitas vozes competitivas; e sua questão central é se alguma destas vozes é autoritativa”<sup>56</sup>.

Fyler explica que alguns historiadores tentaram buscar a “voz” de Jean de Meun na personagem Razão, como John Fleming, D. W. Robertson, Joan Ferrante, e Per Nykrog, enquanto Allan Gunn se inclinava a pensar que a figura prominente do poema é a personagem Natureza. Fyler concorda “com aqueles que argumentam que a própria Razão é submetida à ironia”, e que este debate é “intencionalmente inconclusivo”<sup>57</sup>.

Então há uma polifonia de vozes no romance de Jean de Meun. Perceber isso é importante porque permite relativizar certas leituras que se fizeram dele. Howard Bloch, por exemplo, analisou ostensivamente a misoginia – que, em seus próprios termos, significa “um modo de falar sobre, distinto de se fazer algo às, mulheres, embora o discurso possa ser uma forma de ação e até de prática social, ou, no mínimo, seu componente ideológico”<sup>58</sup> – do poema, que afirmava a volubilidade e sensualidade e tantas outras características negativas que eram atribuídas às mulheres e que teria em Jean de Meun um de seus mais famosos propagadores, pois nesta segunda parte há ataques às mulheres e ao casamento – o famoso *topos* medieval das moléstias das núpcias, *molestiae nuptiarum* –, que motivaram Christine de Pizan a levantar a primeira querela literária da França em resposta ao poema, iniciada em 1399, a partir de *L’epistre au dieu d’Amours* (Epístola ao deus do Amor).

---

<sup>55</sup> HELLER-ROAZEN, Daniel, *op. cit.*, p. 26.

<sup>56</sup> FYLER, John M. *Language and the declining world in Chaucer, Dante, and Jean de Meun*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 70.

<sup>57</sup> *Ibid.*, p. 71.

<sup>58</sup> BLOCH, R. Howard, *op. cit.*, p. 4



COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

Mas é necessário individualizar o que as personagens dizem sobre o amor ou as mulheres, pois a “voz” de Jean de Meun se esconde sob as contradições que suas personagens afirmam – há, no poema, críticas veementes ao caráter dos homens, também.

O amor é tema especialmente em quatro discursos. O de Razão (*Raison*), o de Amigo (*Ami*), o de Velhice (*Vieille*), e o de Gênio (*Genius*). Ambos têm em comum a suposição de que estamos num mundo decaído de uma original Era Dourada. *Razão* (vv. 4564) pressupõe o debate com o mito da castração de Júpiter, para defender que o “amor reto é mais essencial do que a justiça”<sup>59</sup>.

Tanto o amor natural quanto a justiça natural foram apartados no mundo decaído. Vênus, que nasceu do sêmen de Saturno, não é o amor que Razão enalteceria, uma vez que está circunscrita a um desejo mais estreito – identificado com o desejo feminino. Razão define o amor de um modo ousadamente camoniano(!), afirmando seus contrários: amor é paz odiosa, amor é ódio amoroso (*Amors ce est paix haïneuse, / Amors est haïne amoreuse* vv. 4529-4530); é sede que sempre está embriagada, embriaguez que de sede é intoxicada (*C'est la soif qui tous jors est ivre, / Yvresce qui de soif s'enyvre* vv. 4545-4546); etc.

Amor este que é essencialmente carnal, uma “doença do pensamento” (*C'est maladie de pensée* v 4614), que nasce entre pessoas “de sexos diferentes” (*de divers sexes*). Razão lamenta que não há homem sábio (*sage*) ou de alta linhagem (*haut lineage*) que não esteja sob o poderio deste tipo de amor tolo (*fole Amor*), “onde os corações se inflamam e ardem” (*Dont li cuers esprennent et ardent* v 4833). O “bom amor deve nascer de um coração fino” (*Bone amor doit de fin cuer nestre, v 4835*). No fim das contas, Razão tenta convencer Amante para que não perca sua juventude “nesta alegria dolente” (*En ceste dolente léesce* v 4858). O próximo discurso, o de *Amigo* (vv 4953), pressupõe uma Era Dourada caracterizada pela lealdade e simplicidade; porém, desde que estamos num mundo decaído, não é possível viver em eterna harmonia, pois criam-se hierarquias corruptas – como no caso do marido que quer ser dono do corpo e das posses de sua esposa.

Já no caso do discurso de *Velhice* (vv 13766), ela afirma que Júpiter era um notório mentiroso, e a razão da queda das mulheres é a de serem leais a um só

---

<sup>59</sup> FYLER, John M., *op. cit.*, p. 79.



COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

homem – elas nascem livres, mas são constrangidas pelo casamento e a lei. Assim, os casamentos são infelizes, pois não estão de acordo com os preceitos da Natureza. Estes versos são notáveis:

*Ains nous a fait, biau filz, n'en doutez.  
Toutes por tous et tous por toutes,  
Chascune por chascun commune,  
Et chascun commun por chascune.  
(vv. 14487-14490)*

(Antes nos fez, bom filho, não duvides, /Todas para todos e todos para todas,  
/Cada uma comum a cada um, /Cada um comum a cada uma.)

A Natureza é implacável e logo cobra das mulheres que se deixam aprisionar pela lei ou casamento, e elas “se esforçam de todo jeito, para retomarem suas liberdades” (*Si s’efforcent en toutes guises / De retourner à lor franchises vv. 14497-14498*). A última exposição é a de *Gênio* (vv 20409), que argumenta que com o fim da Era Dourada, começou um reino de prazeres descontrolados, de separação do homem de sua racionalidade e da aspiração a algo além do deleite sexual.

Noah D. Guynn lembra que alguns medievalistas como Daniel Poirion e Jean-Charles Payen consideraram subversiva a poética de Jean Meun, mas para ele “a mudez (*speechlessness*) da rosa permanece em completo contraste com o claro privilégio da fala masculina”, e contradiz o argumento de Payen de que “o *Roman de la Rose* resiste ao seu próprio contexto cultural e oferece um manifesto para ‘uma liberdade sexual fundada sobre o livre consentimento (*une liberté sexuelle fondée sur le libre consentement*)<sup>60</sup>”.

Portanto, há diferentes noções sobre o significado de amor ou desejo no poema.

## V. Conclusão

É difícil de afirmar que a forma esteticizada de amor, como a da primeira parte do *Roman de la Rose*, se realize na história social do período medieval, pois, afinal, porque alguns poetas tenham expressado uma sensibilidade

---

<sup>60</sup> GUYNN, Noah. D. “Authorship and Sexual/Allegorical Violence in Jean de Meun’s ‘Roman de la rose’”. In: *Speculum*, Vol. 79, No. 3 (Jul., 2004), p. 658.



COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

diferente da vasta maioria de seus contemporâneos não se pode concluir que era essa a opinião geral, e a confiar em C. Stephen Jaeger, “historiadores e pesquisadores da literatura chegaram a um consenso de que a representação das mulheres na sociedade cortesã está radicalmente em contradição com a ‘realidade’ da posição das mulheres na sociedade de corte”<sup>61</sup>, e se isto é válido para a representação da posição das mulheres, tanto mais o será quanto às representações de formas de amar versus suas práticas concretas.

Em que medida esta nova poética moldava as paixões dos que a conheciam? É certo que os poetas medievais, envoltos em querelas as mais diversas (“o amor vem do olhar ou do coração?”), não ofereceram uma definição única de amor, e se os historiadores e críticos literários não chegam a um consenso sobre o que seria o amor cantado pelos poetas é possivelmente porque os textos não podem ser definidos num conceito fechado.

A apologia do amor, ademais, raramente aparece sem sua negação. André Capelão dedica dois livros de seu *De Amore* para explicar as regras do amor cortês, mas no terceiro o satiriza implacavelmente; o amor é idealizado na primeira parte do *Roman de la Rose*, mas na segunda ele é retratado de forma diferente; em alguns poemas de Guillaume da Aquitânia vemos um amante dedicado e até religioso, mas em outros vemos o retrato de um libertino. Parece característico da cultura do período. É preciso atenção para não cair numa história cultural como aquela escrita no século XIX, num historicismo que busca apreender, à distância, um “espírito” de determinada época, quando ela é tão diversa em suas manifestações que não pode ser apreendida numa unidade.

Além disso, uma vez que poemas são escritos em uma forma específica, eles também tem uma história dentro de uma certa tradição literária; por isso escreve Northrop Frye que “identificar Edward King e documentar a atitude de Milton para com a Igreja da Inglaterra não fará incidir nenhuma luz sobre Lycidas enquanto elegia pastoral com linhas específicas de ascendência clássica italiana”<sup>62</sup>. A tradição literária pode, assim, se sobrepor mesmo ao contexto histórico: “a diferença entre as convenções dos poetas medievais que escreviam na Londres de Ricardo II e aquelas dos poetas cavaleiros da

---

<sup>61</sup> JAEGER, C. Stephen, *op. cit.*, p., 259.

<sup>62</sup> FRYE, Northrop. *O caminho crítico: um ensaio sobre o contexto social da crítica literária*. São Paulo: Perspectiva, 1973, p. 17.



COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

Londres de Carlos II é bem menor do que a diferença das condições sociais entre as duas épocas”<sup>63</sup>.

O mesmo se pode dizer da semelhança entre as convenções literárias entre um Bernard de Ventadorn e as de Guillaume de Lorris, por exemplo – e logo num primeiro olhar percebe-se que os diversos *tópoi* da literatura medieval trovadoresca, como o prelúdio primaveril ou o *locus amoenus*, são temas essenciais à elaboração da trama do *Roman de la Rose* de Guillaume.

Não se pode, contudo, reduzir o valor de um texto literário apenas ao seu aspecto formal. Os meios de expressão, são, obviamente, meios; a finalidade do que querem expressar é o que mais interessa ao historiador. Textos literários não lidam com fatos, mas possibilidades; porém, são possibilidades extraídas do mundo da experiência. Prova disso é observar que o que não está consolidado no imaginário de uma sociedade não será reconhecido no mundo real. Lucien Febvre já o dizia em meados do século XX que “não há pensamento religioso (nem pensamento simplesmente), por mais puro e desinteressado que seja, que não seja colorido em sua massa pela atmosfera de uma época”<sup>64</sup>.

No *Roman de la Rose* encontramos os reflexos da Queda cristã nas filosofias sobre a origem e a causa do declínio do amor num mundo decaído, em que os desejos estão desordenados (Jean de Meun), onde o amor ao sensível e ao inteligível estão em conflito no coração do Amante (Guillaume de Lorris). Daí a importância das preceptivas que definem qual seria o comportamento adequado ao amante medieval numa sociedade de corte, onde amor e cortesia estão essencialmente ligados – mesmo nas sátiras de Jean de Meun se pode perceber regras para *maîtriser* as paixões. Trata-se de toda uma arte de viver em sociedade, e “a cortesia é certamente um ideal social, e portanto uma realidade”<sup>65</sup>, mas acima de tudo uma questão de poesia, pois “amar e cantar não apenas rimam, como são uma coisa só”<sup>66</sup>.

\*\*\*

---

<sup>63</sup> *Ibid.*, p. 21.

<sup>64</sup> FEBVRE, Lucien. *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 32-3.

<sup>65</sup> MARCHELLO-NIZIA, Christiane, *op. cit.*, p. 168.

<sup>66</sup> *Ibid.*, p. 168.



COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

## Fontes

- LORRIS, Guilherme de. *A Primeira parte de O Romance da Rosa* (c. 1225). Trad.: Sonia Regina Peixoto, Eliane Ventorim e Ricardo da Costa. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/textos/rosa1.htm>. Acesso em: 8 de fevereiro de 2014.
- LORRIS, Guillaume de; MEUN, Jean de. *El Libro de la Rosa*. Trad.: Carlos Alvar e Julián Muela. Madrid: Ediciones Siruela, 1986.
- LORRIS, Guillaume de; MEUN, Jean de. *Roman de la Rose*. Illuminated Manuscript Harley, 4425 by Master of the Prayer Books of around 1500. London, British Library, c 1490-c 1500. Disponível em: <http://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/record.asp?MSID=7465>. Acesso em: 8 de fevereiro de 2014.
- MARTEAU, Pierre. *Le Roman de la Rose par Guillaume de Lorris et Jean de Meun*: édition accompagnée d'une traduction en vers précédée d'une introduction, notices historiques et critiques; suivie de notes et d'un glossaire. 5 t.: tome premier/deuxième/troisième: Orléans: H. Herluison, 1878; tome quatrième: Paris: Paul-Daffis, 1879; tome cinquième: Paris: Paul-Daffis, 1880.

## Bibliografia

- ALLEN, Peter L. *The Art of Love: Amatory Fiction From Ovid to the Romance of the Rose*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1992.
- BAROLINI, Teodolinda. *Dante and the origins of Italian literary culture*. New York: Fordham University Press, 2006.
- BLOCH, R. Howard. *Medieval misogyny and the invention of Western romantic love*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- COUTINHO, Priscila Lauret; COSTA, Ricardo da. “Entre a Pintura e a Poesia: o nascimento do Amor e a elevação da Condição Feminina na Idade Média”. In: GUGLIELMI, Nilda (dir.). *Apuntes sobre familia, matrimonio y sexualidad en la Edad Media. Colección Fuentes y Estudios Medievales 12*. Mar del Plata: GIEM (Grupo de Investigaciones y Estudios Medievales), Universidad Nacional de Mar del Plata (UNMDP), diciembre de 2003, p. 4-28. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/artigo/entre-pintura-e-poesia-o-nascimento-do-amor-e-elevacao-da-condicao-feminina-na-idade-media> (Acesso em: 9 de fevereiro de 2014).
- DICAIRE, Francine. *Symbolisme et Seneffiance dans le Roman de la Rose de Guillaume de Lorris*. Montréal: Université McGill, 1998.
- FEBVRE, Lucien. *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FERRANTE, Joan M. “Cortes’ Amor in Medieval Texts”. In: *Speculum*. Vol. 55, No. 4 (Oct. 1980), pp. 686-695.
- FRADE, José Manuel Oliver; DORESTE, Dulce María González. “La mise en page de la fiesta en dos manuscritos del ‘Roman de la Rose’”. In: REAL, E.; JIMÉNEZ, D.; PUJANTE, D. y CORTIJO, A. (eds.), *Écrire, traduire et représenter la fête*. València: Universitat de València, 2001.





COSTA, Ricardo da e SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia 19* (2014/2)

Nicolau de Cusa (1401-1464) em *Diálogo*

Nicolás de Cusa (1401-1464) en *Diálogo*

Nicholas of Cusa (1401-1464) in *Dialogue*

Jun-Dez 2014/ISSN 1676-5818

- FRYE, Northrop. *O caminho crítico: um ensaio sobre o contexto social da crítica literária*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- FYLER, John M. *Language and the declining world in Chaucer, Dante, and Jean de Meun*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- GAUNT, Simon. *Troubadours and irony*. New York: Cambridge University Press, 2008.
- GUENÉE, Bernard. “Corte”. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude (org.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- GUYNN, Noah. D. “Authorship and Sexual/Allegorical Violence in Jean de Meun’s ‘Roman de la rose’”. In: *Speculum*, Vol. 79, No. 3 (Jul., 2004), pp. 628-659.
- GUYNN, Noah D. “Le Roman de la rose”. In: GAUNT, Simon; KAY, Sarah (org.). *The Cambridge Companion to Medieval French Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- HELLER-ROAZEN, Daniel. *Fortune’s faces: the Roman de la Rose and the poetics of contingency*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 2003.
- HUIZINGA, Johan. *O Outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- JAEGER, C. Stephen. *Ennobling Love: in search of a lost sensibility*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999.
- LEWIS, C. S. *Alegoria do Amor. Um estudo da tradição medieval*. São Paulo: É Realizações, 2012.
- MARCHELLO-NIZIA, Christiane. “Cavalaria e Cortesia”. In: *História dos Jovens*. LEVI, G.; SCHIMITT, Jean-Claude. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MCWEBB, Christine (org.). *Debating the Roman de la rose: a critical anthology*. New York, Routledge, 2007.
- MOORE, John C. “Courtly Love: a problem of terminology”. In: *Journal of the History of Ideas*, vol. 40, n. 4, (Oct. -Dec., 1979).
- NICHOLS, Stephen G. “The medieval ‘author’: an idea whose time hadn’t come?”. In: GREENE, Virginie (org.). *The medieval author in medieval French literature*. New York: Palgrave Macmillan, 2006.
- O’DONOGHUE, Bernard. “The reality of Courtly Love”. In: COONEY, Helen (org.). *Writings on Love in the English Middle Ages*. New York: Palgrave Macmillan, 2006.
- PARIS, Gaston. “Études sur les romans de la table ronde”. In: *Romania*, 10 (1881), pp. 465-96.
- PARIS, Gaston. “Études sur les romans de la table ronde: Lancelot du Lac”. In: *Romania*, 12 (1883), pp. 459-534.
- PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1994.
- ROBERTSON, D.W. “The concept of courtly love as an impediment to the understanding of medieval texts”. In: F.X. Newman, *The Meaning of Courtly Love*. Albany: State University of New York Press, 1968.
- ROUGEMONT, Denis de. *O Amor e o Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.
- ROUSSELOT, Pierre. *The problem of love in the Middle Ages*. Milwaukee: Marquette University Press, 2001.
- ZUMTHOR, Paul. *Essai de poétique médiévale*. Paris: Éditions du Seuil, 1972.